

6 em 1200

ESTADO DE SÃO PAULO

Valores econômicos e outros

BORIS TABACOF



O modo de pensar de todos nós está, até agora, profundamente influenciado pelos postulados do materialismo dialético. Durante décadas, especialmente depois da II Guerra Mundial, a concepção filosófica materialista, que fundamenta os princípios da ação política marxista, permeou o intelecto dos professores, escritores, artistas, acadêmicos, jornalistas e mesmo dos elementos pensantes das elites empresariais, ditas burguesas. No caso brasileiro, muito dessa influência é inconsciente, já que boa parte dos nossos intelectuais não costuma ir a fundo nos seus estudos teóricos, limitando-se a tocar de ouvido.

Dessa infiltração mental dialética resulta o pensamento quadradão, que concebe a estrutura da sociedade submetida ao total primado da economia. Ou seja, a atividade material, revelada na alocação dos meios de produção via luta de classes, condiciona a chamada superestrutura, que engloba as ideologias, a cultura, as leis, os costumes, e assim por diante.

É possível que, pelo menos em parte, essa síndrome seja responsável pelo desnorteamento e declínio da sociedade brasileira, acentuados nos últimos tempos. A busca incessante, quase sempre de boa fé, de políticas econômicas que curassem os males da sociedade não dependeria da prioridade a um sistema de valores, pois estes, situados na superestrutura social, responderiam mecanicamente à boa alocação dos recursos econômicos, ou seja, dos bens materiais.

As grandes mudanças deste fim de século derrubaram essas teorias. Antes de se rebelarem contra os regimes marxistas devido à escassez crônica de bens de consumo, o que moveu os povos do Leste Europeu foi a vontade da liberdade. Para decepção dos teóricos do materialismo dialético, um fenômeno tipicamente não-econômico mudou o curso da História.

Agora, pelos misteriosos caminhos dessa mesma História, quan-

do os brasileiros se lamentavam de estar na contramão e de que o Brasil estava apagado na cena mundial, eis que

voltamos às primeiras páginas dos jornais de toda a parte. É claro que dirão que isso acontece justamente porque o novo governo lançou um plano econômico.

Mas a verdadeira mudança não é o novo plano, embora este seja bem montado do ponto de vista técnico. O que está mudando o Brasil é o fato de o novo presidente representar e assumir, um conjunto de valores subjetivos que condicionarão o sucesso econômico, e não o contrário. O Brasil não vai mudar porque tem um bom plano econômico, mas porque o presidente assumiu os valores de integridade, da coragem, do trabalho, da autoridade, do envolvimento e da responsabilidade direta pelo governo da Nação. Essa atitude de liderança e carisma, de fé e patriotismos, não é uma postura direitista, como costumam dizer os patrulheiros da ideologia arcaica, mas revela o perfil adequado ao presente momento histórico.

Para sarar a alma brasileira, para curar a síndrome da esperteza que se espalhou por toda a parte, o exemplo tem de vir de cima. O que vai encorajar os cidadãos, o que vai motivá-los a aceitar restrições e sacrifícios, é a convicção de que é preciso trabalhar arduamente, adotar padrões de seriedade e competência, para retomarmos a condição normal de cidadania e responsabilidade.

Imagino ter decepcionado os que esperavam mais uma análise técnica do plano econômico e, em vez disso, leram algumas coisas óbvias. Mas é desses valores éticos óbvios que o Brasil precisa desesperadamente. Quanto ao plano, ele é bem feito e, se for implementado e administrado com competência, pode dar certo. Desde que se considere o brasileiro não como um número nas pesquisas de opinião ou um indivíduo que só se move atraído pela vantagem material que lhe colocam à frente. Somos todos seres humanos complexos, com sentimentos, emoções, nervos e desejos, que, devidamente motivados, produzirão milagres de ação e transformação.

Há uma tremenda dívida social a ser resgatada. Os brasileiros mais bem situados na escala social farão os sacrifícios que as medidas econômicas impõem, se eles se convencerem de que esses sacrifícios são o preço desse resgate. Novo não é apenas o plano, mas principalmente o sistema de valores de que o presidente Collor é o líder e o fiador.

Boris Tabacof, empresário, foi presidente do Banese